

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Michelle de Oliveira (UERJ)
michelle_letras@oi.com.br

1. Introdução

O Brasil, país com grande diversidade linguística- cerca de duzentas línguas são faladas atualmente (incluindo-se as línguas indígenas) por 189,6 milhões de falantes – de acordo com dados do IBGE, é marcado pela pluralidade linguística, cultural, social e econômica, apesar de a língua portuguesa, como língua oficial, ser a língua falada em todo o território nacional, além de ser a língua ensinada nas escolas.

A diversidade linguístico-cultural do Brasil coloca em destaque o tema da variação como uma das preocupações centrais no ensino de Língua Portuguesa. No entanto, ao analisarmos os livros didáticos de Português, verificamos que o tratamento da variação linguística não é contemplado levando-se em conta a diversidade de variações existentes na língua (dialetais, diacrônicas, sociais, fonéticas, morfológicas, sintáticas etc.).

Ao analisar o LDP, optamos por dois livros: *Português: linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da 7ª série e *Português: Projeto Araribá*, da 8ª, no intuito de verificar se abordagens mais modernas de ensino, tais como as contribuições da Linguística Contemporânea e os Parâmetros Curriculares para o ensino de Língua Portuguesa, tem sido postas em prática já nas últimas séries dos LDPs de Ensino Fundamental.

2. Análise dos livros didáticos de língua portuguesa

2.1. Português: linguagens – Magalhães e Cereja

2.1.1. Análise da variação no ensino de Gramática

No livro *Português: linguagens*, os capítulos que trabalham a variação linguística são os correspondentes ao capítulo dois (da uni-

dade um), o capítulo um (da unidade dois) e os capítulos um e dois (da unidade três). Analisaremos, portanto, tais capítulos em relação à variação linguística no ensino de gramática.

No capítulo dois da unidade um, Magalhães e Cereja apresentam primeiramente a gramática de forma sistematizada, sob um prisma tradicional e, geralmente, na seção "Linguagem e interação" trabalham a variação linguística. Nesta seção, os autores explicam que "na linguagem coloquial, é muito comum o emprego do verbo *ter* como impessoal, no lugar do verbo *haver*." (pg. 48). Para exemplificar a proposição, utilizam como exemplo duas frases:

"Tem dias que eu levanto com um sono!"
 "No supermercado novo tem de tudo um pouco!"

Ao abordar os usos dos verbos "ter" e "haver", os autores trabalham os diferentes níveis de registro, ao enfatizarem que "muitos escritores e compositores já incorporaram esse tipo de construção em seus textos, embora a variedade padrão recomende que se empregue nesses casos o verbo *haver* como impessoal" (p. 48). Com isso, tenta-se mostrar que o verbo "ter" encontra-se presente tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita.

Verificamos, nesta parte, uma abordagem coerente quanto à variação linguística, visto exemplificar os diferentes usos e registros do verbo "haver" (usado em situações que exigem maior formalidade) e do verbo "ter" (bastante comum no discurso oral, embora também utilizado na linguagem escrita). Tal proposta está condizente com as orientações sugeridas pelos PCNs, uma vez que neste documento afirma-se que

O estudo da variação, por cumprir um papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, deve estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 82)

Analisando-se os exercícios propostos, os autores, no primeiro exercício, solicitam ao aluno apenas a passagem de uma variedade para outra:

- a) “Na Rua Toneleiros tem um bosque que se chama, que se chama, solidão.” (Manuel Bandeira)
- b) “Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu” (Chico Buarque) *Há dias em que a gente...*
- c) “Em Pasárgada tem tudo, *Em Pasárgada há tudo...*
É outra civilização” (Manuel Bandeira)

No exercício dois, questiona-se qual das duas formas é mais agradável de ouvir (quando se usa o verbo “ter” ou o “haver”?). Na resposta sugerida pelos autores, consta que o emprego do verbo “ter” soa “mais natural no português brasileiro” (p. 48).

Os autores enfatizam, portanto, na resposta apresentada, uma não ruptura com a língua falada. Além disso, ao mostrar como exemplo o emprego do verbo “ter” no lugar do “haver” em fragmentos de textos do escritor Manuel Bandeira e do compositor Chico Buarque, conforme se verifica no exercício um, mostram que tais construções também são utilizadas na linguagem dos falantes cultos, enfocando, assim, a variação estilística, que considera as diversas circunstâncias de comunicação.

Constatamos, assim, nessa seção, uma abordagem coerente sobre a variação nos fenômenos gramaticais, pois nela a gramática é concebida como “flexível, variável, mutável, exatamente por ser parte constitutiva das línguas, que são flexíveis, variáveis e mutáveis por natureza” (ANTUNES, 2004, p. 129).

Por fim, no exercício três, expõe-se um texto de Chico Buarque e após há questões do tipo:

Observe o emprego dos verbos amanhecer e chover no texto.

- a) Qual é a predicação deles?
- b) Qual é o sujeito a que cada um deles se refere?

Assim, verificamos que a variação linguística é abordada somente nos exercícios um e dois. No exercício três, os autores retornam aos moldes tradicionais do ensino de gramática: identificação de funções sintáticas, sem a reflexão sobre as funções que os sujeitos e predicados possuem no texto.

Desta forma, constatamos que neste capítulo a variação linguística é parcialmente trabalhada, havendo uma mescla da aborda-

gem tradicional, embasada no ensino da norma padrão com o ensino da variação linguística em alguns exercícios, sobretudo nos que correspondem à seção "Linguagem e interação".

Já no capítulo um, da unidade dois, introduz-se o tema da adolescência, os comportamentos, assim como a linguagem que permeia o universo dos jovens. Na seção "A linguagem do texto", explora-se a variante linguística falada por este grupo, o que está relacionado à faixa etária de tal grupo social.

No início do capítulo, há um texto intitulado "Qual é a sua tribo?", de Walcyr Carrasco, o que já induz, pelo título, que se tratará de temas típicos da adolescência, visto o emprego do item lexical "tribo", bastante comum na linguagem dos adolescentes.

Na seção "Trocando ideias", há uma parte denominada "Ler é diversão", na qual se apresenta uma tira com os personagens utilizando a variante falada por adolescentes, o que se evidencia pelo emprego constante de gírias e expressões dessa faixa etária, como por exemplo: "compro sua barra", "grilado" e "man":



Segundo Bortoni-Ricardo,

A rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos domínios sociais, também é um fator

determinante das características de seu repertório sociolinguístico (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 49).

Tal fato podemos observar ao analisar as expressões apresentadas na tira acima, típica do repertório linguístico dos grupos juvenis.

É certo que a tira em questão estimula a leitura, pois trata de um tema que pertence ao universo juvenil: as tribos urbanas, os *punks*. Verificamos, assim, que o tema proposto reflete a realidade dos alunos, contudo, a tira poderia ser mais bem explorada no livro, trabalhando-se a variação diafásica, que se reflete na diferença de registros (formal, informal). Poderia, por exemplo, haver questões sobre a linguagem apresentada na tira, ou seja, as diferenças entre a linguagem utilizada em situações informais (uma conversa entre amigos, conforme é apresentada na charge) e em situações que exigem uma linguagem mais formal, como uma palestra, uma exposição etc.

Nesta unidade, assim como na unidade anterior, há a explicitação das regras gramaticais. Na seção "A língua em foco", na parte "Linguagem e interação", há a ênfase no contexto situacional, quando se propõe a seguinte questão (p. 96):

7- Se o contexto não esclarecer a intenção do locutor, a frase "O professor de Educação Física atende os alunos de uniforme" pode ser ambígua, isto é, ter duplo sentido.

- a) Quais são esses sentidos?
- b) Indique o tipo de predicado dessa oração, no caso de um e no caso de outro sentido.

Evidencia-se, assim, uma mescla de abordagens, com questões (como na letra a) que tratam do funcionamento da linguagem, dos sentidos adquiridos por um determinado uso linguístico e outras perguntas (letra b) que, segundo Neves, "organizam-se em atividades de simples rotulação, reconhecimento e subclassificação de entidades (classes ou funções) (NEVES, 2008:116).

Partindo-se para a unidade três, capítulo um, na seção "A linguagem do texto", verificamos que a variação linguística diafásica é apresentada por meio das falas de dois personagens (os filhos de dona Dolores), conforme consta no seguinte exercício:

1. Observe estas falas dos filhos de dona Dolores:

— Tá doida, mãe?
— Acho que a mamãe pirou de vez.”

a) Nessas frases, há algumas palavras que demonstram certo grau de intimidade entre os filhos e a mãe. Quais são elas? *tá doida, pirou*

b) Qual dessas palavras:

- é uma gíria? *pirou*
- expressa informalidade na linguagem? *tá*

Enfatizam-se, assim, no diálogo expressões típicas da oralidade, na qual há a supressão de partes das palavras, como por exemplo: “tá” no lugar de “está”, assim como a gíria “pirou”. No exercício, aborda-se a questão da intimidade entre os interlocutores, o que faz a língua variar, adquirir um tom mais informal, por se tratar de relação mães-filho.

Por fim, no capítulo dois, há um exercício sobre contração, informando que há algumas frases que estão em desacordo com a variedade padrão da língua, solicitando, então, que o aluno passe para a modalidade culta da língua. Uma das frases é a seguinte: “Fique quieto! É a vez *dela* falar...” (de *ela* falar-variedade padrão).

Neste exercício, os autores poderiam ter explorado mais o trabalho com a variação linguística, ao mostrar que embora tais frases não estejam na norma culta, a maioria dos falantes, inclusive os que conhecem a norma “culto” usam essa variante.

Com essa análise, vimos que os autores abordam o tema da variação, porém poderiam explorá-lo mais, propondo exercícios que trabalhassem com as diversas variantes, destacando as diferentes características de grupos de falantes: a classe social, o nível de escolaridade, a ocupação e nível de renda, a idade, ascendência étnica, o gênero, assim como os dialetos sociais, jargões profissionais, gírias, estilos de fala que a Língua Portuguesa possui.

2.2. Projeto Araribá: Português/obra coletiva

2.2.1. Análise da variação no ensino de gramática

Ao longo da obra, verificamos que somente duas unidades trabalham com a variação no ensino de gramática (unidade três e cinco). Na unidade três, a parte que apresenta a variação corresponde

ao estudo da colocação pronominal. Esta seção (Estudo da língua) inicia-se com o texto “Papos”, de Luis Fernando Veríssimo. Nesse texto, há a discussão entre duas pessoas sobre a colocação pronominal, sendo que um deles tenta “corrigir” o outro, baseando-se nas prescrições da norma padrão:

Papos

— Me disseram...

— Disseram-me.

— Hein?

— O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.

— Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?

— O quê?

— Digo-te que você...

— O “te” e o “você” não combinam.

— Lhe digo?


— Também não. O que você ia me dizer?

— Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?

— Partir-te a cara.

— Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.

— É para o seu bem.



LUIS FERNANDO VERÍSSIMO.
Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Fragmento.)

Após o texto, há as seguintes questões:

- a) Qual é o motivo da discussão entre as duas pessoas? ^{1a}
- b) A pessoa que corrige a outra defende que variedade lingüística? ^{1b}
- c) Que frase você diria, mais freqüentemente: “Me disseram” ou “Disseram-me”? ^{1c}

Enquanto a questão “a” trata do assunto principal do texto (a discussão entre duas pessoas sobre a colocação dos pronomes), na qual uma tenta “corrigir” a outra, a questão “b” induz à reflexão sobre a correção gramatical e a variedade padrão. Sabemos que o modo de falar do outro gera avaliações, diversas vezes preconceituosas. Assim, as pessoas que avaliam negativamente a fala do outro se baseiam na correção gramatical para estabelecerem julgamentos diversos. Sobre essa questão, Faraco afirma que “é frequente em nossa

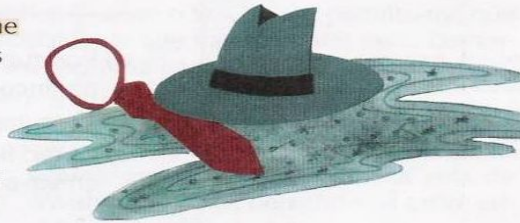
sociedade que se condene como erro todas as formas que não estão de acordo com aquilo que está prescrito nos velhos manuais de gramática.” (FARACO, 2006, p. 21).

Tal atitude é representada pelo personagem do texto em questão, que trata a variedade não padrão como “erro”, ao condenar o modo de falar do outro personagem. Assim, as perguntas apresentadas poderiam ser mais bem trabalhadas, caso tivessem sido exploradas questões referentes ao preconceito linguístico e as atitudes em relação à fala da personagem apresentada.

Após os exercícios, explica-se sobre a colocação pronominal, ao afirmar-se que “como o modo de falar do Brasil difere bastante do de Portugal e as regras gramaticais são as mesmas, é comum que haja *desvios* da variedade padrão” (pg. 115- grifo meu). Com esse comentário, nota-se que a variação é apresentada como um desvio da norma padrão, o que caracteriza uma atitude preconceituosa em relação às outras variantes.

Passando-se para os exercícios propostos no livro, no exercício um, pergunta-se sobre “que regras gramaticais justificariam a colocação pronominal nos seguintes poemas”:

apagar-me
 diluir-me
 desmanchar-me
 até que depois
 de mim
 de nós
 de tudo
 não reste mais
 que o charme



Ênclise, pois os verbos iniciam os versos.

PAULO LEMINSKI.

Caprichos e relaxos. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 136.

Porque amor não se troca,
 não se conjuga nem se ama.

Não se, nem se: próclise, pois palavras negativas atraem o pronome.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.
A palavra mágica. Rio de Janeiro:
 Record, 2001. p. 55.

Utiliza-se, portanto, a poesia somente como estratégia para o ensino de gramática, abandonando-se, assim, o trabalho com o texto. Sobre essa questão, Faraco utiliza o termo *gramatiquice*, para referir-se “ao estudo da gramática como um fim em si mesmo” (FARACO, 2006, p. 21)

Já no exercício dois, trabalham-se, novamente, os tipos de registro, ao apresentar-se a seguinte questão:

2 Na linguagem informal, no Brasil, a próclise é muito mais frequente que a ênclise. Ilustre essa afirmação com dois exemplos retirados deste trecho de uma crônica. Copie-os no caderno.

Documentários são uma coisa genial. Basta meia hora largado no sofá de sua casa diante da televisão para você se tornar um especialista em minhocas gigantes africanas, rituais de casamento de uma tribo nômade do Burundi ou bactérias do sistema digestivo dos elefantes. Sou capaz de ficar horas vendo filmes sobre formigas, morcegos e peixes-boi, me emocionando com o parto de um ornitorrinco ou sofrendo com a morte de uma gazela sob as inclementes presas de um leão. [...]

ANTONIO PRATA.

A Lua e as saúvas africanas. In: *Estive pensando*: crônicas de Antonio Prata. São Paulo: Marco Zero, 2003. p. 86.

No entanto, o exercício privilegia apenas a identificação do registro, sem levar e aprofundar a reflexão sobre esse uso nesse contexto.

No exercício seis, também se abordam os diferentes registros, quando se propõe ao aluno que frases foram escritas de modo mais formal em cada um dos pares abaixo:

- a) Entregar-lhe-ei a pesquisa sobre os poetas ainda hoje. ^{6a}
Eu lhe entregarei a pesquisa sobre os poetas ainda hoje.
- b) O funcionário escreveu, me pedindo desculpas. ^{6b}
O funcionário escreveu, pedindo-me desculpas.

Partindo-se para a unidade cinco, verificamos que a variação não é quase abordada e quando o é, é tratada novamente como desvio, a notar-se, sobretudo, na parte em que se explica sobre os pronomes oblíquos (o, a, os, as) que funcionam como objeto direto, constando a observação reproduzida a seguir:

2. O pronome oblíquo *o* (*a*, *os*, *as*) funciona como objeto direto. O pronome *lhe* (*lhes*) funciona como objeto indireto.

Ex.: *O menino chegou perto e eu o abracei.*

Essas soluções não lhe agradaram.

No uso popular, são frequentes os desvios desse padrão, em frases como: *Eu não lhe convidei.* (Pela variedade padrão, o correto seria: *Eu não o convidei*, ou *Eu não convidei você.*) ²


Conforme observado, há um esvaziamento da proposta, uma vez que a explicação apresentada induz à noção de erro e à discriminação das variantes não padrão. A proposta seria mais bem apresentada se se destacasse que formas como “Eu não lhe convidei” são perfeitamente aceitáveis em certas situações comunicativas, mas que em situações mais formais poderia ser utilizada a variante padrão “Eu não o convidei”.

Nos exercícios propostos, o único que aborda a variação linguística é o número sete. Introduce-se, então, uma poesia de Ulisses Tavares a fim de propor exercícios sobre a regência na variedade padrão e não padrão:

7 Leia o poema e escreva o que se pede no caderno.

Último acorde do violino solitário

nada sei sobre a vidinha do
pernilongo que mato indiferente
na parede.
mas desconfio que era a única
que ele tinha.



ULISSES TAVARES.
Caindo na real. São Paulo: Brasiliense, 1984.

A variedade padrão recomenda que a regência do verbo deve ser respeitada mesmo quando seu complemento vem representado por uma oração. Na linguagem informal, porém, isso raramente ocorre.

a) Justifique essa afirmação com um exemplo extraído do poema. *7a*

b) Encontre no texto outras marcas da linguagem informal ou de licenças poéticas, isto é, desvios propositalmente da variedade padrão, com intenções literárias. *7b*

8 Considerando que o trecho a seguir foi escrito em linguagem formal, que pronomes preencheriam corretamente as lacunas? Escreva no caderno. *Observar que o diálogo é entre dois homens.*

Observamos, então, que as questões propostas direcionam o aluno para a identificação de erros, correspondendo a questões de simples rotulação, conforme observamos na questão oito, em que ainda há noções como as de correto e incorreto:

8 Considerando que o trecho a seguir foi escrito em linguagem formal, que pronomes preencheriam corretamente as lacunas? Escreva no caderno. *Observar que o diálogo é entre dois homens.*

Pelas questões apresentadas, verificamos que há a necessidade de se romper a dualidade entre correção e incorreção, substituindo-a pela de adequação ou inadequação. Era imprescindível que os autores enfatizassem que o uso da variante não padrão funciona como um recurso estilístico expressivo em textos literários, como ocorre na poesia de Ulisses Tavares, apresentada na questão sete.

Seria necessária, ainda, a explicitação de que, se caso os pronomes fossem usados na variante padrão, a expressividade e o sentido não seriam os mesmos, já que, na poesia, aparece a reprodução do discurso direto. Sendo assim, a ausência da preposição em “e desconfio que era a única que ele tinha” são comuns na oralidade, presente na fala de todas as classes sociais, inclusive na dos falantes cultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre o ensino da variação linguística apresentado nos dois livros didáticos de Língua Portuguesa, verificamos que estes trazem explicações sobre os diferentes níveis de registro, destacando-se os contextos de produção dos enunciados, além de apresentarem uma seleção variada de textos em diferentes gêneros. Contudo, ainda há muito que aperfeiçoar.

Os autores poderiam ter trabalhado mais a linguagem dos textos, de modo que possibilitasse ao aluno refletir sobre os usos da língua, ao propor atividades que desenvolvessem a reflexão sobre as motivações pragmáticas, ampliando, assim, a capacidade de reflexão crítica sobre a linguagem.

Em vez disso, muitos exercícios propostos nos livros didáticos apresentaram um ensino descontextualizado, utilizando diversas vezes o texto como pretexto para o ensino gramatical.

Sobre a variação linguística nos livros analisados, somente o livro de Magalhães e Cereja apresentou um tratamento mais adequado à variação, ao trabalhar as marcas linguísticas ligadas a gerações, além de apresentarem variações diafásicas e lexicais, trabalhando-se, assim, com vários tipos de variações de que a língua dispõe. Já o li-

vro Projeto Araribá tratou a variação como desvio, ao citar ao longo da obra as prescrições da norma padrão e listar os desvios da norma.

Já no livro *Projeto Araribá*, afirma-se que o texto foi utilizado como “unidade básica do ensino”, conforme as orientações recomendadas pelos PCNs. No entanto, no ensino gramatical, verificamos que não se privilegia o trabalho com o texto. Além do mais, consta também, sobre o tipo de linguagem utilizada, a concepção desta como “atividade discursiva e cognitiva” (p.4), o que não se verifica ao longo da obra.

Nesta perspectiva, torna-se necessário que o professor analise criticamente os livros didáticos, verificando os objetivos expostos na obra, no sentido de perceber se nestes se prioriza o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos ou se trata a linguagem como homogênea, não suscetível a mudanças.

Concordamos com Bechara, quando este afirma que é tarefa do professor de língua materna "transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação (BECHARA, 1993, p. 40).

Tal afirmação só se torna possível por meio do trabalho com a variação linguística, que deve estar presente tanto nas aulas de língua materna quanto nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé Costa. No meio do caminho tinha um equívoco: Gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 127-134.

BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 7. ed. São Paulo: Ática, 1993. Série Princípios.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

FARACO, C. A. Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? In: *Calidoscópio*. Vol. 4, n.1, pp.15-26, jan/abr 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *O livro didático de português-múltiplos olhares*. Lucerna: Rio de Janeiro, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo, Contexto, 2003.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997, v. 2.